XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

OUTRAS JUVENTUDES, OUTRAS TEMPORALIDADES E OUTRAS FORMAS DE CONDUZIR A VIDA

Antonia Aleksandra Mendes Oliveira
aleksandra.braga@gmail.com
Universidade Federal de Goiás
Brasil

RESUMO

Este texto é parte de uma pesquisa de doutoramento em curso e discute teoricamente algumas concepções sociológicas contemporâneas de juventudes, analisando tendências das teorias pós-críticas, como a noção de "juventude-signo", e teorias da segunda modernidade, tratando das descontinuidades e crises da linearidade das transições juvenis nos moldes tradicionais, e as diversas maneiras de socializações que os jovens experimentam hoje (GROPPO, 2015). Dentro do espectro temporal cada vez mais fluido discute-se: como os indivíduos se articulam com a noção de tempo presente e futuro, os desdobramentos de suas práticas sociais, como lidam com as (des)igualdade de oportunidades e a perspectiva de campo de possibilidades que se lhes apresentam, observando quais os repertórios de estratégias para manejar seus anseios, necessidades, propósitos e projetos de vida (SHUTZ, 2012; VELHO, 1997). Leccardi (2005) defende que há uma tendência entre os jovens de futuro sem projeto, desencadeada pela capacidade desses sujeitos em aceitar a fragmentação e a incerteza do ambiente como um dado não eliminável, que deve ser transformado em recurso graças a um exercício constante de consciência e reflexividade. Esta estratégia temporal está presente nos jovens ricos em recursos, enquanto que, para os jovens sem recursos sociais e culturais o futuro aparece fora do controle, dando lugar a um presente sem deslumbramento. A aceleração social mais acirra as desigualdades e torna-se fonte de exclusão social. O esgotamento ou o amortecimento da ideia de projeto em longo prazo é colocado em xeque e entram em cena os projetos de curto ou curtíssimo prazo, reivindicando novas perspectivas de projetar. Os jovens abastados podem abraçar o desconhecido e agarrar o instante, vistos como "oportunidades" que enriquecem e geram satisfação. Os riscos não têm a mesma conotação quando se possui uma reserva ou uma retaguarda que apoie e ampare caso o resultado não seja o esperado. Ter o plano B, ou ter para onde voltar, ou a quem recorrer fazem deste investidor do futuro alguém com uma margem de vantagem frente àqueles que só têm a si próprios. O sentido do risco tem outro significado para quem tem subsídios. É bem diferente dos que têm apenas a única cartada a dar no caminho incerto frente ao futuro nebuloso que se insurge na atualidade. O pertencimento social dos indivíduos possibilitará uma relação mais ou menos estreita, restrita ou confortável com o tempo e seus projetos de vida (MENDOLA, 2005). Por necessidade, por escolha ou por contingência os novos tempos exigem uma capacidade de adaptação,

flexibilidade e reinvenção dos atores sociais. E os jovens estão na ponta da lança para experimentarem esta aventura de uma temporalidade multifacetada.

ABSTRACT

The current text is part of a doctor degree research which is in progress and It is about a group of eight people who are from popular classes, living and applying their young energies. We intend to discuss about sociological conceptions of young people and how different Youngs develop with a time notion about present and future, besides that it is talked about the development of their social practices related to nowadays. Inside the time notion more and more developed, it is discussed how to deal with opportunities inequalities, the field notion of possibilities and their strategies in order to get their goals necessities and life projects.

Palavras-chave

Juventudes, temporalidades multifacetadas, projetos de vida.

Keywords

Youths, multifaceted temporalities, life projects.

I. Introdução e Metodologia

O trabalho em andamento pesquisa trajetórias de vida, com ênfase na fase de juventude, de oito sujeitos que ultrapassaram os limites de formação escolar e das carreiras profissionais de seus familiares e grupos de procedência. Oriundos do distrito de Taperuaba, no município de Sobral – no Ceará[1], com população aproximada de 6.113 habitantes (Censo 2010 – IBGE[2]), eles advêm de famílias com baixo poder aquisitivo, com pouca ou nenhuma escolaridade. São filhos de pais com variados ofícios e ocupações, tais como: agricultor, pescador, vaqueiro, gari, vendedor ambulante, faxineira, merendeira, bordadeira, costureira.

Todos foram estudantes de escola pública e conseguiram chegar ao ensino superior público, ultrapassando barreiras de formação e de profissionalização ao se inserirem no magistério. Pretende-se conhecer como eles se articularam até aqui projetando o futuro e superando obstáculos cotidianos,

[1] O estado do Ceará localiza-se na Região Nordeste do País.
[2] IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

criando alternativas para alcançar outros horizontes, para fugir à regra de estagnar a escolaridade no ensino básico e larguear seus destinos.

A metodologia utiliza a reconstituição das trajetórias de vida através de entrevistas em profundidade colhendo relatos orais, que possibilitará compreender as diversas etapas da vida, dentre elas, como a juventude foi vivenciada e como se deu a elaboração de seus projetos.

Ao analisar as experiências juvenis dos sujeitos pesquisados até agora, que atravessam transitoriedades diversas, pergunta-se: qual traço de juventude cabe a diferentes indivíduos pertencentes às diversas camadas sociais? Suas histórias refletem as de muitos jovens das classes populares ao redor do mundo, sobretudo, em realidades de escassez econômica ocasionada pela má distribuição de renda, que vem cada vez mais acirrando as desigualdades de oportunidades.

Apesar das particularidades das biografias, a maioria dos jovens pesquisados, desde a infância, foi exposta a dificuldades cotidianas e, com isso, a cobrança de deveres urgentes e encargos, que extrapolavam o compromisso com a escola e consigo mesmos. Suas obrigações com a subsistência da família e os cuidados com os irmãos antecipou-lhes a noção de responsabilidade com a própria vida e com seus familiares. Desta forma, eles saíram da fase infantil cedo demais, pois necessitaram trabalhar desde criança para contribuir com o sustento da casa. Dos interlocutores da pesquisa há a exceção de apenas um, que só precisou começar a trabalhar na adolescência.

A privação de direitos e a sobrecarga de deveres, ou a exigência de encargos típicos para adultos impostas a crianças e adolescentes, precipita-os a um processo de adultização precoce. É esse percurso que os sujeitos das classes populares experimentam. A pesquisa procura discutir para além dos marcadores que orientam a entrada, a permanência e saída da fase de juventude. Estes marcadores podem ser reversíveis: voltar a estudar depois de um recesso forçado pela maternidade, ou pela inconciliação com o trabalho; retardar o prosseguimento aos estudos por causa do casamento ou abster-se temporariamente de lazeres.

O típico formato de juventude burguesa, e seus percursos tradicionais, se arroga em ditar quais fórmulas seguir para ser considerado jovem. Será que esses modelos não acabam por ser absorvidos e assimilados nos ciclos sociais, inclusive, nos estudos acadêmicos? Uma infância, adolescência e juventude assistidas e reservadas aos estudos, e só então, à inserção no mundo do

trabalho, resultando numa possível independência financeira, é privilégio de alguns. Para os sujeitos da pesquisa, essas etapas e esse tipo de juventude foram furtadas. O que se percebe é que eles viveram e vivem a juventude que foi, e é possível viver.

II. Marco teórico

A contemporaneidade faz emergir uma noção sociológica de "juventudes" em suas diversidades, em que se estabelecem relações diversas com o tempo presente e futuro, enquanto matéria prima para projetos de vida ou outras maneiras de conduzir as existências. Apresento, abaixo, um rápido perfil dos sujeitos da pesquisa:

Do sexo feminino são: Penha com 38 anos, graduada em História e mestranda em Geografia, ambas na Universidade Estadual Vale do Acaraú, hoje é professora na rede estadual, e está licenciada para o mestrado. Priscilla com 29 anos, é graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e mestra também em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, hoje é professora temporária no ensino médio e na Universidade onde se graduou. Maria com 27 anos é graduada em Ciência Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pernambuco, e acaba de ser aprovada para o doutorado na mesma área pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. N.A.F. (iniciais do nome) com 26 anos é graduada em Educação Física pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, finalizando a dissertação.

Os sujeitos do sexo masculino são: R.M.M. (iniciais do nome) tem 31 anos, é graduado em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acará, mestre e doutorando em Geociências Paleontologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Fábio tem 28 anos, é graduado em Química pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, mestre e doutorando em Química pela Universidade Federal do Ceará. Marcos tem 28 anos, é graduado e mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, e acaba de ser aprovado em primeiro lugar no doutorado da sua área pela Universidade Federal da Paraíba. Ítalo é o mais novo, com 23 anos, é graduado em Letras/ Inglês. No momento ele está trabalhando como coordenador pedagógico de uma curso privado de língua estrangeira e está se preparando para o mestrado.

Estes são indivíduos que representam uma parcela social em que sua "juventude" é sufocada pelas impossibilidades. Eles recebem destaque nesta pesquisa porque não se resignaram. Aproveito a esteira da discussão de Groppo (2015) que questiona a sociologia clássica da juventude pautada nas classificações tradicionais e etárias. O autor recorre à metáfora da implosão e trata do desarranjo das estruturas sociais modernas, para discorrer e analisar novos contornos, refletindo sobre as análises de "juventude-signo", de descontinuidades e crises da linearidade das transições juvenis nos moldes tradicionais, como veremos mais adiante. A partir da realidade dos sujeitos da pesquisa e de discussões teóricas, propõe-se repensar alguns parâmetros habitualmente atribuídos à juventude.

Juvenilização como valor signo e o contraponto de "outras juventudes"

Quando Bourdieu (1983, p. 112) afirma que "A 'juventude' é apenas uma palavra", se refere à perspectiva de que "somos sempre o jovem ou o velho de alguém", em que os cortes geracionais ou em idades são manipuláveis e manipulados. Nas últimas décadas as divisões etárias perderam relativa preponderância e passaram a ser extremamente rechaçadas por sua arbitrariedade. Os padrões rígidos são estremecidos pelas surgentes formas de vivenciar as "juventudes". Mas será que os modelos e as fronteiras tradicionais para definir a juventude também foram implodidos nas camadas sociais menos favorecidas?

O aumento da expectativa de vida trouxe efeitos na maneira de conceber o prolongamento da juventude. Mas muito além da questão etária e da longevidade, a juventude se tornou uma "representação social", um "modo de ser e existir", uma "forma signo-juventude" (Liberato, 2006, p. 91). A sociedade capitalista industrial, através da massificação da escola, do consumo e da mídia, também cooptou minorias e grupos étnicos historicamente discriminados e excluídos. O signo-juventude é invenção da lógica capitalista, em que se vendem e se compram as formas e imagens da novidade, da aparência, do sucesso, e do hedonismo (Groppo, 2015).

Aquele que deseja se representar como jovem, geralmente, se submete ao segmento de consumo para se enquadrar nesta categoria. Normalmente, consome-se o signo, simulando a suposta juvenilidade em que se procura burlar a idade e relativizar a moratória vital (que pode ser

compreendida como "tempo biológico"). Kehl (2004, p. 89–90) lembra como é difícil precisar o que é juventude hoje, dada a elasticidade desta categoria: "[...] dos 18 aos 40, todos os adultos são jovens [...] é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil de consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir".

Groppo (2015, p. 570) lembra que para cultivar a juvenilização é necessário investimento financeiro, e, sobretudo, de tempo liberado para reprodução de si – tempo subtraído das obrigações. A manutenção da juventude é dispendiosa. O autor acrescenta que o processo natural do envelhecimento pode ser negado e abstraído, interpretado como consequência da inatividade e inabilidade do próprio sujeito em lidar com as possibilidades de retardar este processo, sendo ele o responsável pelo próprio envelhecimento concebido como precoce.

A apologia à juvenilização torna-se uma armadilha mercadológica para submeter os indivíduos à uma escravidão pela perseguição constante e desenfreada pela busca e permanência no arco juvenil, assim como, a juventude pode ser usada como privilégio, no usufruto e ostentação de uma juventude estendida e glamourosa, manejada para as disputas por prestígio social. E para quem não é possível viver, comprar e adquirir o signo-juventude?

Muitos indivíduos passaram a participar superficialmente da ideia de igualdade comprando fragmentos, literalmente, de seus "distintivos de juventude". Ao investir no valor-signo "juvenilização", a cultura de massa tende a tentar nivelar e atenuar as diferenças entre grupos em busca de novos consumidores (Groppo, 2015). O estereótipo midiático da juventude, hoje, tem a pretensão de abarcar toda uma categoria, que não corresponde à realidade e à totalidade da juventude brasileira, fazendo desaparecer uma parcela muito maior de indivíduos, que são excluídos do universo da escolarização e do consumismo. Paradoxalmente, o signo-juventude é um engodo, porque ele passa a crença de que ser jovem é uma opção, é uma escolha deliberada e uma conduta acessível a todos, quando na realidade é um fenômeno apropriado desigualmente.

Num contraponto, há muitos outros jovens marginalizados que não aparecem nas propagandas de refrigerantes, de eletrônicos ou quaisquer outros comerciais que remetem a um signo-juventude bem-sucedido nos moldes aburguesados. Os jovens das zonas rurais, trabalhadores, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, das periferias, e tantos outros, são invisibilizados ou só aparecem

de maneira passageira nas reportagens de temas específicos, que não costuma lhes tratar como sujeitos jovens. Suas identidades juvenis são circunscritas às suas imersões coletivas. Ou, no ponto extremo, só são vistos pela autoria ou suspeição de atos ilícitos e criminosos. O discurso midiático e do senso comum, corrente e recorrente, fortalece a vinculação entre violência ativa e os jovens pobres, negros, mestiços e periféricos (Soares, 2007).

Muitos jovens excluídos do fenômeno social da juvenilização tomam outros aspectos para definir como veem sua juventude e seus marcos de transição para a vida adulta, como é o caso dos sujeitos da pesquisa que apontam suas justificativas para esta passagem:

Penha	**Priscilla**	**Maria**	**N.A.F.**	**R.M.M.**	**Fábio**	**Marcos**	**Ítalo**
38 anos	29 anos	27 anos	26 anos	31 anos	28 anos	28 anos	23 anos
Jovem até 15 anos	Jovem até 14 anos	Considera-se jovem por não ter independên-cia financeira	Jovem até os 14 anos	Considera-se jovem por ainda não se sentir preparado para enfrentar desafios da vida	Jovem até os 15anos	Considera-se jovem por ainda não ter responsabili-dades familiares (casamento).	Jovem até os 12 anos
Adulta aos 16/ ajuda a mãe a sustentar e cuidar dos irmãos	Adulta aos 15/ começa a trabalhar para ajudar a família.		Adulta aos 15 por cuidar e ajudar financeiramente a família.		Adulto aos 16/ ajuda financeiramente a família.		Adulto aos 13/ assume responsabilidades profissionais para ajudar a família.

Há desacordo entre a definição do IBGE (“Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira”, 2015) que considera jovem toda a população entre 15 e 29 anos e a autodeclaração dos indivíduos quanto à sua fase de juventude. Cinco sujeitos da pesquisa se utilizam do critério de responsabilidade com a família de origem para demarcar sua transição para a vida adulta, embora três do total de pesquisados não considerem isso suficiente para torná-los adultos. Os sujeitos são estudados em suas trajetórias no decorrer do tempo, pelos episódios de suas vidas que se apresentam em movimento, às vezes, dando mais ênfase aos primeiros anos de sua juventude na concepção mais clássica: quando ainda estavam na escola ou quando entraram na faculdade. Mas a pesquisa também questiona a percepção que os sujeitos têm da ruptura antecipada de sua fase juvenil, como demonstra o quadro acima.

A busca da juventude simbólica que se converteu em signo, passando a ser fabricada e condensada a partir do consumo de objetos, serviços e comportamentos ícones-juvenis, cria tensões de inclusão/exclusão social (Groppo, 2015, p. 569). A juvenilização é um fenômeno artificial, e não é isso que se pretende reivindicar para os sujeitos da pesquisa. Mas observa-se que a juventude de muitos sujeitos é atropelada e raptada antes da hora pelas precariedades das disparidades sociais.

A "juvenilização" tomou forma de recurso nas disputas sociais, tornou-se diferencial, como um bem, um capital extremamente rentável nas relações sociais na busca da aceitação e pertencimento, onde procura-se acumular vitalidade, disposição, saúde e aparência de jovialidade. Mas, mais que isso, este fenômeno procura estender ao máximo o status e prestígio da juventude que se ostenta com os corpos, a postura e a conduta *juvenilizada*, numa espécie de simulacro (Baudrillard, 1991) autoengendrada e autoforjada. Por este prisma, então, os sujeitos da pesquisa foram jovens por pouco tempo? Sua juventude foi encurtada, ou jamais foram jovens porque não dispuseram de tempo e recursos materiais para isso?

Ao falar da reprivatização da gestão do curso da vida Groppo (2015, p. 570) afirma que são exigidos os capitais econômicos, culturais e sociais bourdieuanos para aquisição dos valores-signos preciosos. Neste sentido, o elemento pré-requisito é o tempo, recurso escasso para muitos indivíduos pertencentes às camadas desfavorecidas socioeconomicamente. Esta propriedade passou a tensionar as desigualdades sociais, porque o recurso "tempo" não é acessível a todos. Os jovens desfavorecidos, como os da pesquisa, precisam de prudência e astúcia para gerenciar suas vidas dentro de uma temporalidade escassa e acelerada.

Projeto de vida e o tempo como recurso e espaço de "deslocamento" social

Os paradigmas temporais são construídos e transformados conforme a organização das sociedades. O projeto de vida é uma das maneiras de lidar com o tempo. Para Schutz (2012), projeto é uma conduta (consciente) organizada para atingir fins específicos, com algum objetivo predeterminado. Mas o uso do tempo e a elaboração de um projeto de vida não são completamente deliberados e passíveis de autonomia para todos.

Velho (1997) lembra que projetos individuais, geralmente, fazem parte de projetos coletivos, como projetos de classe, circunscritos a determinados círculos sociais. É preciso considerar o campo de possibilidades, enquanto cenário possível e moldável em que o agente está inserido, e que se alarga

ou se retrai conforme o quantum e qualidade de estoque de conhecimentos[3] e capitais[4] (econômico, social e cultural) que os indivíduos possuem e portam. Na busca pela inserção social os indivíduos se munem como podem e se lançam à corrida pelo tempo na busca por um "lugar ao sol" (ou "a sombra") (Oliveira, 2015).

Leccardi (2005) apresenta uma tendência entre alguns jovens europeus na construção de um futuro sem projeto, desencadeada pela capacidade de aceitar a fragmentação e a incerteza do futuro aberto e em crise, que deve ser transformado em recurso, graças a um exercício constante de consciência e reflexividade. Esta estratégia temporal está presente nos jovens ricos em recursos econômicos, sociais e culturais, enquanto que, para os jovens desprovidos de tais suportes, o futuro aparece fora do controle, dando lugar a um presente sem deslumbramento.

Diante da incontestável insegurança que se apresenta hoje, frente às incertezas e aos riscos de proporções globais, que afetam a todos, mas, especialmente, aos jovens de camadas menos favorecidas, o futuro é um recurso expressamente intocável e não há garantias. O entremeio do tempo presente ganha valor especial, em detrimento dos pontos extremos da balança: passado consumido e futuro duvidoso.

Para a maioria, o presente não é uma escolha, mas é o único tempo possível frente às urgências cotidianas considerando a pouca funcionalidade do futuro. Há aqueles que, fatigados pelo desencanto das agruras diárias, são abatidos pela ausência de motivação para se projetar para o futuro. Muitos dos extremamente excluídos, como os envolvidos na criminalidade, por exemplo, resignados, sugam tudo possível no presente e vivem apenas o agora, que lhes é reservado, numa relação de profundo destemor com relação ao futuro (Athayde & Bill, 2006).

No cenário mais amplo, a flexibilização e precarização do mundo do trabalho e o ataque as políticas públicas previdenciárias, como vem acontecendo no Brasil contemporâneo, indicam que não cabe mais projetos de futuro a longo prazo. Na falta de um projeto específico no início, as ferramentas são criadas ao sabor do momento, os sujeitos transitam em tempos que se fragmentam em episódios,

[3] Schutz (2012) trata estoque de conhecimento como a bagagem de saberes e experiências diversas que possibilita melhor participação nas relações sociais e reserva melhores garantias nas empreitadas da vida.
[4] Bourdieu (2011) define capital como recursos, sejam eles, econômicos (bens materiais), sociais (relações de influência e prestígio social), ou culturais (domínio de códigos legitimados socialmente, saberes e fazeres reconhecidos, consagrados, como título escolar, domínio da língua culta, apropriação da etiqueta, dentre outros).

cada qual com o seu próprio sistema temporal de referência, sem uma meta precisamente rígida, por lugares não conectados com suas biografias. Daí os crescentes fluxos migratórios a nível global.

As fases biográficas lineares, como: preparação para o trabalho por meio da formação escolar, depois o exercício de um trabalho remunerado e, por fim, a aposentadoria, foi desestabilizada**.** Hoje, esta trajetória biográfica de um percurso previsível para o ingresso na vida adulta, constitui não mais a regra, mas a exceção (Leccardi, 2005). Os sujeitos da pesquisa foram trabalhadores precoces e a iniciação no mundo do trabalho não lhes garantiu independência financeira. Muitas de suas experiências profissionais iniciais foram contingenciais e concomitantes às suas formações escolares.

	Inserção no mundo do trabalho	Independência financeira[5]	Saída da casa dos pais	Primeira conjugalidade	Filho(s)
Penha – 38 anos	11 anos	22 anos	22 anos	25 anos	1ª filha aos 18 anos e 2º filho aos 25 anos
Priscilla – 29 anos	15 anos	15 anos	24 anos	24 anos	0
Maria – 27 anos	13 anos	15 anos	15 anos	26 anos	0
N.A.F. – 26 anos	07 anos	23 anos	18 anos	Solteira	0
R.M.M. – 31 anos	11 anos	15 anos	26 anos	30 anos	0
Fábio – 28 anos	08 anos	18 anos	19 anos	Solteiro	0
Marcos – 28 anos	10 anos	23 anos	Mora c/ os pais	Solteiro	0
Ítalo – 23 anos	14 anos	17 anos	17 anos	Solteiro	0

Os jovens das classes favorecidas podem abraçar o desconhecido, e sem tanta pressão, podem deslizar pelo presente vislumbrando um futuro minimamente confortável. Podem viver a velocidade e imprevisibilidade temporal ludicamente. Podem até ter sabor de adrenalina, levando em conta a possibilidade de mudança, até mesmo as repentinas. Agarrar o instante de modo positivo pode ser visto como ter "senso de oportunidade", que enriquece e gera satisfação (Leccardi, 2005). O mesmo não se pode dizer sobre os jovens que não portam os devidos instrumentos de combate frente às incertezas do devir. Os jovens das classes desfavorecidas, como os sujeitos da pesquisa, só podem contar consigo mesmos e, muitas vezes, seus familiares é que contam com eles para prosseguirem os

[5] Independência financeira para estes sujeitos tem um sentido particular, pois representava o acesso a uma remuneração que rendia uma autonomia relativa. Porque esta renda também deveria compor a renda familiar, assim, eles dependiam da família, porque o que ganhavam não era o suficiente para se manterem, e a família também dependia deles, porque a renda era compartilhada com pais e irmãos.

dias que se seguem. Portanto, a relação com o tempo e com os projetos de futuro não passam impunes às condições socioeconômicas.

Leccardi (2005) aponta outro elemento crucial na relação com projeto de futuro: o diferimento das recompensas. A resolução em adiar para um tempo posterior a satisfação que o tempo presente oferece, em vista dos benefícios que esse adiamento torna possível, faz parte de uma estratégia para aplicar investimentos para um propósito futuro. É uma troca que implica determinação e sacrifício. Para muitos jovens a apreensão ou desilusão com os projetos a longo prazo permitiram a substituição por projetos de curto ou curtíssimo prazo, minando a ideia de adiamento das satisfações presentes por novas formas de disciplina temporal, através da programação e controle sobre o tempo cotidiano, para maximizar o aproveitamento do presente estendido.

Em entrevistas, os sujeitos da pesquisa dizem conceber a postergação das satisfações como algo inevitável para alcançar seus propósitos, como uma preparação para a vida adulta. É uma perspectiva de viver o presente em função do futuro, como numa poupança, o sujeito subtrai inicialmente para receber acumulado e reajustado posteriormente. Assim, furta-se agora para se premiar doravante, restando a impressão de saldo lucrativo. Nesta perspectiva, o presente não é apenas um elo entre passado e futuro, mas tem função propedêutica, com a "dimensão que prepara o futuro", numa expectativa ativa, é uma etapa que acata uma passagem positiva e bem-sucedida para a vida adulta.

Segundo Leccardi(2005), os diferimentos das recompensas estão passando por um processo de saturação e esgotamento. Pode-se dizer como a analogia corriqueira que o presente realmente se faz uma dádiva. Carpe diem![6] Este tem sido um apelo irrecusável para aproveitar e apreciar o momento. É a escorregadela temporal satisfatoriamente sucinta que aparece como uma válvula de escape. É imprescindível examinar comedidamente a relação entre projeto, tempo biográfico e identidade, para saber se o diferimento das recompensas pode ainda ser considerado válido na contemporaneidade.

No tempo comprimido, o próprio significado de idade juvenil se transforma, e o tempo passa a ser o instante. Peres (2013, p. 54) caracteriza a juventude não como uma "etapa de desenvolvimento

[6] Do latim: "Aproveite o dia".

com estrutura fechada", mas como um "território de passagens, de experimentações", levando à condição adulta ou não, marcada por diferentes linhas de subjetivação atravessadas entre si. A ordem do dia é maximizar as diferentes experiências e aproveitar as oportunidades (para muitos jovens é possível se perguntar: quais oportunidades?).

Percebe-se nos sujeitos da pesquisa uma tendência intermediária na relação com o futuro. Instigados pelo desejo de superar situações adversas eles costuram o hoje com o amanhã. Para eles, o presente estendido não é uma finalidade em si, mas é uma opção de investimento, como estratégia de não desperdício, mas de esperança no futuro.

Ao contrário de seus pais, que só puderam transitar, preponderantemente, no tempo presente, pelas impossibilidades de vislumbrar o porvir, os sujeitos da pesquisa puderam – e se alçaram a – se projetar para o futuro. A socialização escolarizada, diversificada e impactada por uma série de elementos que não será possível pontuar neste ensejo, instigou-lhes a vislumbrar melhores perspectivas de presente e de futuro. Estes sujeitos declaram ter construídos seus projetos paulatinamente através das experimentações cotidianas, das motivações fortuitas ao longo dos últimos anos escolares, e o contato com grupos que lhes instigaram ao prosseguimento para o ensino superior. Viveram etapa a etapa, dedilhada para se certificar que poderiam ir adiante; foi colocando tijolo a tijolo que construíram a escada para chegar onde chegaram.

A elaboração dos projetos de vida dos sujeitos da pesquisa não foi, propriamente, o projeto nos moldes clássicos de Schutz (2012) (previamente calculado e a longo prazo), e nem exatamente a perspectiva da tendência de alguns jovens europeus de projeto de curto e curtíssimo prazo, de que fala Leccardi (2005), em que os jovens privilegiam o hoje e não suportam mais os diferimentos das recompensas. A realidade das origens precárias e do contexto social dos sujeitos da pesquisa não permite acomodação no presente e o relaxamento no planejamento para o futuro. Eles sabem não ser possível futuros muito ambiciosos, mas eles não descansam. Lançam mão do dinamismo e da capacidade de performance de malabaristas, conciliando o presente urgente e o futuro melhor elaborado.

Por isso, a maioria tem prosseguido com os seus estudos initerruptamente, ou com pequenas pausas, mesmo com a insuficiência financeira. Adiar satisfações presentes requer obstinação e grande

habilidade de autocontrole, fôlego, e programação do tempo. Eles postergam satisfações imediatas, como lazeres, mas também realizações pessoais mais duradouras (casamento, filhos) e continuam precisando ser comedidos, cautelosos e se submetendo a sacrifícios. Eles ajustam e fazem conciliações constantemente para alcançarem seus projetos. Apesar do cansaço com os processos seletivos e com as exigências da própria pós-graduação, demonstram se realizarem no percurso. São ágeis e sedentos por novas conquistas.

III. Conclusão

A convencional transição linear e demarcável da juventude à fase adulta cai por terra. Os novos tempos fazem urgir sujeitos sociais que precisam desenvolver plasticidade para viver e sobreviver. A mercantilização da "juventude" confunde *ser* com *aparentar*, mas ambos os atores, os que são e os que parecem jovens, se misturam na busca para se inserir, se colocar e se deslocar no universo social.

A implosão da concepção tradicional de juventude questiona a perspectiva estrutural-funcionalista, elevando a discussão a um patamar mais agudo de estudo e análise. Neste patamar, os percursos e meandros para compreender os referenciais imprecisos e deslocáveis que constituem a nova sociologia da juventude precisam ser redefinidos no que diz respeito à socialização, à moratória e à transição a fases posteriores da vida. Faz-se necessário um olhar mais plural e inclusivo sobre as "juventudes" e suas vivências.

De um modo geral, as promessas e expectativas no futuro já não satisfazem e nem contém os desbravadores do novo e do incerto. Por isso, os projetos são cada vez mais maleáveis, porque os jovens já compreendem que a realidade não é rígida, e nem segura. Na intuição e no impulso, os diferentes jovens, sobretudo, as "outras juventudes", a parcela menos favorecida, como é o caso dos sujeitos pesquisados, estão sentindo a fugacidade da existência, e procuram rasgar alternativas que contemplem seus anseios e demandas. Resta, então, a reprogramação instantânea, recalculando a rota, ajustando o destino, otimizando o tempo, criando respostas e soluções personalizadas para lidar com os imprevistos, e usufruir das experimentações tanto quanto possível.

Para os sujeitos da pesquisa, uma das qualificações imprescindíveis, hoje, para não ser engolido pelo desgoverno do tempo consumador, é a capacidade subjetiva de manejar o presente, instrumentalizar-se para enfrentar os imponderáveis do futuro movediço, sem se mortificar absolutamente no hoje, seguindo equilibradamente.

A ideia de esgotamento de projeto em longo prazo é contestada aqui para abarcar outras realidades. Hoje, é possível encontrar a coexistência de diversos tipos de projetos e seus prazos, reivindicando novas perspectivas de projetar. O pertencimento social dos indivíduos possibilitará uma relação mais ou menos estreita, restrita ou confortável com o tempo e seus projetos de vida. Por necessidade, por escolha ou por contingência, os novos tempos exigem uma capacidade de adaptação, flexibilidade e reinvenção dos atores sociais, a exemplo da aposta que fazem os sujeitos da pesquisa. Os jovens, sejam eles quais forem, estão na ponta da lança para experimentarem a (des)aventura da temporalidade multifacetada e fugaz.

IV. Referências

Athayde, C., & Bill, M. (2006). *Falcão. Meninos Do Tráfico* (Edição: 1). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.

Bourdieu, P. (1983). A juventude é apenas uma palavra. In *Questões de sociologia* (p. 112–121). Rio de Janeiro: Marco Zero.

Bourdieu, P. (2011). *Escritos de Educação*. (A. M. Catani & M. A. Nogueira, Orgs.) (Edição: 12ª). Petrópolis: Vozes.

Groppo, L. A. (2015). Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez e Juventud*, *13*(2), 567–579. https://doi.org/10.11600/1692715x.1321300514

Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In Regina Novaes & Paulo Vanucchi (Orgs.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.* (p. 89–114). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Leccardi, C. (2005). Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, *17*(2), 35–57. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702005000200003

Liberato, L. V. M. (2006). *Expressões contemporâneas de rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista.* (Tese doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperado de https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89294

Oliveira, Antonia Aleksandra M. (2015, junho 22). *Na Terra da Luz: "O sol nasce para todos, mas a sombra é para poucos!" Projetos de vida e campos de possibilidades dos jovens das classes populares - Fortaleza - Ce.* (Dissertação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Recuperado de http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21769/3/2015_dis_aamoliveira.pdf

Peres, W. (2013). Juventudes, diversidades sexuais e processos de subjetivação. In L. Pessini & R. Zacharias (Orgs.), *Ética Teológica e Juventudes* (Edição: 1ª, p. 51–84). Santuário.

Schutz, A., Weiss, R., & Jr, B. S. (2012). *Sobre fenomenologia e relações sociais*. (H. T. R. Wagner, Org.) (Edição: 1). Vozes.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. (2015). *Estudos & Pesquisas Informação Demográfica e Socieconômica*, (35), 137.

Soares, L. E. (2007). Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In R. Novaes & P. Vanucchi (Orgs.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (p. 130–159). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Velho, G. (1997). Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea* (2º ed, p. 13–40). Rio de Janeiro: Zahar.